

Faculdade de Engenharia da  
Universidade do Porto

Gestão de Informação – Uma perspectiva à luz do  
entendimento da relação Poder/Saber em Michel  
Foucault

Cristina Barroso Pereira  
Fundamentos de Gestão  
MGI 2001/2003

*“Se um leão fosse capaz de  
falar, nós não seríamos  
capazes de o compreender.”*

*Ludwig Wittgenstein*

## **Introdução**

Devo à partida considerar este pequeno ensaio pelas suas características extremamente redutor, quer na análise a parte da obra de Michel Foucault , a que aqui particularmente nos interessa, quer como investida no campo desta nova área de estudo chamada Gestão de Informação.

Foi extremamente difícil conciliar a imperiosa economia de tempo com a complexidade que tal estudo pela sua natureza requeria.

No que se refere à questão que pretende ser o principal tema deste trabalho – a relação Poder/Saber no pensamento de Foucault relacionada com a questão de Gestão de Informação – poder-se-á dizer que por formação tenho consciência da complexidade, obscuridade e por demais debatida obra de Michel Foucault. Por outro lado e por mais que tal possa parecer paradoxal, ao reler agora alguns dos seus últimos artigos as coisas pareceram tornar-se algo “claras” principalmente se tentarmos “ver” as principais questões fora de qualquer categorização ou pré-conceitualização.

Na minha perspectiva hoje mais do que nunca reafirmada a nossa tendência para colarmos etiquetas em toda e qualquer criação

humana , seja ele um autor ou mesmo cultura reside unicamente na necessidade que temos de fugir ao caos mental que a incerteza nos provoca e que tanto nos aterroriza, talvez o problema Poder/Saber mais não seja do que uma reformulação da antinomia Razão /Desrazão.

Por esta razão este pequeno trabalho pretendeu ser um "discurso livre", despido de grandes teorizações ou mesmo pensamentos arduamente construídos.

Como "discurso livre" deve entender-se que foi minha intenção captar sem quaisquer pré-conceitos o sentido das palavras de Foucault (se tal é possível), tendo o cuidado de não descontextualizar.

Sempre que considerar necessário o leitor será devidamente integrado nas linhas gerais do seu pensamento.

Na primeira parte, pretendi observar fenomenologicamente o enquadramento da relação Poder/Saber , que Poder, que Saber, que relações, como é que estes conceitos aparecem , de onde partem , que objectivos perseguem.

Na segunda parte pretendi mostrar , ou melhor tentei estabelecer uma possível relação entre estes conceitos enquanto inseridos no pensamento de Foucault e os mecanismos de poder que fundamentam aquilo a que chamamos Informação.

*"a importância de um "progresso"  
mede-se , aliás, pela quantidade de  
tudo aquilo que foi necessário sacrificar-lhe..."*

*Friedrich Nietzsche*

## **Primeira Parte**

Para se perceber a interpretação que Foucault faz da questão do Poder , é preciso perceber que aquilo que ele sempre procurou foi não explicar<sup>1</sup>, mas compreender a teia de relações, que envolvem numa determinada época uma determinada sociedade ou instituição, principalmente aquelas que não encaixam nas concepções de "normalidade" dessa mesma época.

Veja-se a tendência das questões abordadas, a criminalidade, o aspecto punitivo das prisões, o sexo, e a loucura . Conceitos tão bem conhecidos como os de *arqueologia* ou *episteme* já tinham demonstrado essa necessidade, fazer uma arqueologia do saber significava não a busca dos enunciados , " documentos" de uma determinada época que apareciam identificados num tipo de discurso, mas a descoberta das causas, do sistema de relações que lhe deram origem e que os tornam significativos apenas no interior desse tipo de discurso. As *epistemes* mais não são do que "camadas" no subsolo do nosso saber que mostram as condições de possibilidade dos enunciados no seu interior.

---

<sup>1</sup> Para mais informação sobre a questão *ciências naturais versus ciências humanas* e a problemática explicação/compreensão ver Boaventura Sousa Santos (1997) numa perspectiva que remete para a superação dessa dicotomia reafirmada especialmente na era moderna.

O modelo disciplinar, nas suas várias configurações, principalmente nas suas formas repressivas apresenta-se como o modo de ligação entre a relação Poder/Saber, (Foucault, 1994) e esse modelo disciplinar que caracteriza as nossas sociedades está presente nas suas marcas. Mais tarde tentarei mostrar de que forma essas "marcas" são visíveis nas organizações.

Mas como caracterizar então a relação Poder/Saber?

Desde a antiguidade clássica que a nossa civilização está impregnada de exemplos em que esta relação se manifesta assumindo contornos específicos ao longo do tempo. Na *República* de Platão (1972) o controlo da cidade e principalmente a gestão de cargos políticos estava destinada ao filósofo, só este tinha a capacidade de "ver" para além das sombras projectadas no interior da caverna, - instrumentalização do Saber como plataforma para a legitimação do exercício do Poder. Nietzsche (1997) expôs claramente esta relação nas suas raízes mais profundas. Noções como culpa, punição, domínio e vontade de poder abundam na sua *Para a genealogia da Moral*.

A questão é trabalhada de forma mais intensa no pensamento de Foucault principalmente na sua fase mais tardia, principalmente em obras como *Surveiller et punir: naissance de la prison* (1975) e *Histoire de la sexualité- 1 La volonté de savoir* (1976) onde transparece de forma grandiosa o pensamento nietzschiano.

Foucault pretendeu nestas obras construir uma "genealogia do poder", procurar as condições de possibilidade do seu aparecimento e a sua constante ligação às diferentes formas do Saber. Por toda a parte em que o homem foi capaz de produzir Saber, fê-lo sempre como forma de exercício de domínio. O que é a ciência senão uma forma de Saber para melhor controlar a natureza e mesmo o próprio

homem. Não é sem razão que hoje tanto se discutem as implicações éticas e as repercussões da ciência e da tecnologia no futuro do homem. A noção de “sociedades disciplinares” que aparece em *Surveiller et punir* é crucial para perceber que o poder não existe por si, *não é*, ou seja não têm consistência ontológica, é tão só uma expansão constante dum movimento subtil . Movimento esse que se manifesta nas estratégias, manobras e dispositivos que impregnam todo o tecido social e político<sup>2</sup>. A sua força é gerada na mecânica da acção humana. O trabalho de Foucault foi o de fazer uma análise das suas relações invisíveis.

Um exemplo paradigmático de um desses dispositivos é o panóptico de Bentham<sup>3</sup>. Este consistia num modelo arquitectónico baseado numa estrutura em anel , no centro dessa estrutura situava-se uma torre. Este dispositivo necessitava ainda de um elaborado jogo de janelas entre as celas que se repartiam ao longo do anel e a torre central de forma que a luz funcionasse como elemento de ligação. Foucault apresenta-nos com a sua minuciosa descrição deste dispositivo a passagem de um poder coercivo , que se impunha pela força através da tortura e da morte na figura do rei, para um poder subtil, silencioso e imenso já que este dispositivo assegura a ordem social com uma grande “economia de poder”.

*O dispositivo panóptico organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente. (...) A plena*

---

<sup>2</sup> A perspectiva de Foucault sobre a evolução das relações Poder/Saber encontra-se descrita com minúcia em *Surveiller et punir* (1975), onde o autor descreve com toda a clareza as *marcas* (dispositivos) que ao longo do percurso humano foram sendo sucessivamente refinadas.

<sup>3</sup> Ver os trabalhos de J. Bentham , *Panopticon e Post-script to the Panopticon, 1791* onde o autor descreve a sua perspectiva social com base nas instituições panópticas.

*luz e o olhar de um vigia captam melhor que a sombra, que finalmente protegia. A visibilidade é uma armadilha.*

*(...) O Panóptico é uma máquina de dissociar o par ver - ser visto: no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo sem nunca ser visto.*

*Dispositivo importante, pois automatiza e desindividualiza o poder. Este tem o seu princípio não tanto numa pessoa quanto numa certa distribuição concertada dos corpos, das superfícies, das luzes, dos olhares (...)* (Foucault 1975)

A questão fundamental analisada por Foucault é aqui perfeitamente identificada, a eficácia do modelo panopticista, que pode ser alargado a inúmeras instituições sociais ( hospitais, fábricas asilos, escolas ... ) onde o controlo e a disciplina sejam factores prioritários, provoca um gradual aumento do saber. Pela simples observação é possível medir, calcular e mesmo produzir experiências sobre a acção do homem.

Este modelo de "sociedade disciplinar" propicia uma fabulosa ramificação dos mecanismos do poder. Esse crescimento vai por sua vez envolver-se no social esbatendo as suas *marcas*, ou seja passa de um mecanismo visível e perfeitamente identificado a um dispositivo imperceptível de controlo social e político continuamente omnipresente.

*" Onde encontrei vida encontrei  
vontade de poder... "*  
*Friedrich Nietzsche*

## **Segunda Parte**

A complexidade do termo "informação" leva-nos a várias questões todas ela problemáticas. Em primeiro lugar seria de todo conveniente assumirmos à partida uma definição consensual pelo menos dentro de determinados parâmetros para podermos saber o que queremos dizer quando falamos de "Informação" .

Neste caso particular assumo o conceito de "Informação" como sendo um conjunto de elementos apreendidos de tal forma que são portadores de sentido para um determinado sujeito. É nessa rede de sentido que se desdobra o seu verdadeiro valor.

Dizemos que se vive na idade da informação ou sociedade de informação, que temos que andar informados, que informação é cultura e muitas outras coisas. Redes de Informação e globalização estão directamente relacionadas com a difusão de conteúdos mais ou menos elaborados produzidos pelo homem a que chamamos "Informação".

Por "informação" entendo tudo aquilo que recebo do que me é exterior, aquilo que interpreto dentro dos meus quadros racionais, não aplico qualquer critério de avaliação ou filtro à priori. Concebo o meu cérebro como uma "esponja" com uma capacidade de absorção ilimitada, esse é o segredo do conhecimento, não há limites ao nosso



saber. A tudo aquilo que podemos absorver, a tudo o que consciente ou inconscientemente seleccionamos e agregamos num conjunto de sentido, com base nos nossos pré-conceitos construídos ao longo da nossa existência, chamo informação.

O homem produz saber e hoje na maioria dos casos a divulgação desse saber tornou-se no trunfo de grandes e pequenos grupos económicos e políticos.

A Gestão de Informação analisada numa perspectiva mais pragmática e racional nasce na necessidade de organizar, medir, planear e controlar a capacidade económica dos recursos de informação. Hoje as organizações necessitam mais do que nunca de gerir a informação que possuem e fazer desse recurso uma forma de acção estratégica no desenvolvimento dos seus interesses essencialmente os de natureza económica. Os profissionais que se começam a formar nesta área têm ainda alguma dificuldade em saber como agir eficazmente num campo tão vasto, isto principalmente porque a sua actuação se limita ainda a níveis muito restritos da gestão da informação como seja a informação empresarial ou o sector da informação produzida no âmbito da investigação científica.

A relação entre a capacidade de gerir o capital de uma organização em termos de recursos de informação e a relação entre Poder e Saber que analisei anteriormente é bastante óbvia se se entendeu o sentido aplicado a essa relação .

Diz-se hoje que informação é poder, que quem detém a informação certa controla sectores do mercado e é mesmo capaz de causar sérias perturbações ao nível do social. Lembro aqui o problema extremamente actual da violação da privacidade através da utilização dos nossos dados pessoais. O controlo da informação, as estratégias, tácticas e dispositivos afins adoptados nesse controlo são

uma forma clara de exercício de poder. Quem *sabe* controla, e exerce dessa forma alguma forma de poder sobre os demais. E tal como afirmava Foucault isso torna-se visível na nossa acção já que o poder não tem qualquer consistência em si mesmo. Ele é essencialmente exercido através dos mecanismos que utiliza na difusão da sua força.

Hoje mais do que nunca, a sociedade de informação se define pela forma como o poder é exercido sobre os cidadãos. A nossa liberdade é tão só uma liberdade imaginada já que cada vez mais nos vamos tornando transparentes. Georges Orwell mostrou, se bem que não fosse essa a sua principal intenção <sup>4</sup> (Richard Rorty, 1994) no seu *1984* o poder da ditadura da sociedade do conhecimento.

A chamada "Gestão de Informação" mais não é do que uma forma sofisticada de "arrumar" o capital "informação" e fazê-lo funcionar como um recurso valioso para as organizações.

---

<sup>4</sup> Ver para melhor compreensão a obra de Richard Rorty (1994) . Contingência, Ironia e Solidariedade .Lisboa. Editorial Presença

*“o que importa é a nossa capacidade para falar com outras pessoas sobre o que nos parece ser verdade e não sobre o que de facto é verdade. Se cuidarmos da liberdade, a verdade pode cuidar de si própria...”*

*Richard Rorty*

## **Conclusão**

Na minha perspectiva as teorias organizacionais que fogem de uma abordagem funcionalista têm grande dificuldade de afirmação e aplicação no contexto das organizações pelo simples facto de as relações de poder serem um dos elementos com maior força no seu interior. O exercício do poder nas organizações assume inúmeras formas e movimenta-se em vários sentidos . Não é propriedade de um indivíduo, grupo ou sector é sim uma força que ultrapassa os limites da nossa apreensão perceptiva. Impregna todo o tecido social e tornamo-nos impotentes para escapar à sua domesticação.

Só a forma como concebemos o nosso corpo é sintoma dessa escravização social. As modas, os comportamentos controlados, a mecanização dos nossos actos, a forma como nos sentimos desprotegidos quando confrontados com situações que escapam ao nosso controlo são prova que o poder e suas estruturas estão profundamente enraizados nos nossos mundos.

## Referencias Bibliográficas

FOUCAULT, Michel – Doença mental e psicologia. Rio de Janeiro: Biblioteca Tempo Brasileiro, 1968

FOUCAULT, Michel – As palavras e as coisas. Lisboa: Edições 70, 1966

FOUCAULT, Michel – História da Sexualidade – I A vontade de saber. Lisboa: Relógio D' Água Editores, 1994

FOUCAULT, Michel – Vigiar e Punir. 24ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 2001

MORGAN, Gareth – Images of Organization. London: Sage Publications, 1996

RORTY, Richard – Contingência, Ironia e Solidariedade. Lisboa: Editorial Presença, 1994

NIETZSCHE, Friedrich – Para a genealogia da moral. Círculo de Leitores, 1997

PLATÃO – A República. 7ª edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

RABINOW, Paul – Polemics, Politics, and Problematizations – An interview with Michel Foucault: 1984.

MARTIN, L. – Truth, Power, Self - An interview with M. Foucault, October 25<sup>th</sup>, 1982. From: Martin, L.H (1988), Technologies on the self: A Seminar with Michel Foucault. London: Tavistock, pp 9-15.

SANTOS, Boaventura Sousa – Um discurso sobre as ciências. 9ª edição. Porto: Edições Afrontamento, 1997.